

reabilita

Reabilitação Ambiental Sustentável
Arquitetônica e Urbanística

REGISTRO DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO À DISTÂNCIA
TERCEIRA EDIÇÃO - 2021 - REVISADA E AMPLIADA

Vol. 1 conceituação

Org.
Marta Adriana Bustos Romero
Caio Frederico e Silva
Ederson Oliveira Teixeira



reabilita

Reabilitação Ambiental Sustentável
Arquitetônica e Urbanística

REGISTRO DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO À DISTÂNCIA
TERCEIRA EDIÇÃO - 2021 - REVISADA E AMPLIADA

Vol. 1 Conceituação

Org.
Marta Adriana Bustos Romero
Caio Frederico e Silva
Ederson Oliveira Teixeira



UnB



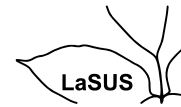
faunb



LaSUS



Reitora Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor Henrique Huelva
Decana de Pesquisa e Inovação Maria Emília Machado Telles Walter
Decanato de Pós Graduação Lucio Remuzat Rennó Junior



Diretor da FAU Marcos Thadeu Queiroz Magalhães
Vice Diretoria da FAU Cláudia da Conceição Garcia
Coordenador de Pós-Graduação Caio Frederico e Silva
Coordenadora do LaSUS Marta Adriana Bustos Romero

**Coordenação de Produção Editorial,
Preparação, Revisão e Diagramação** Valmor Cerqueira Pazos
Isabella Capanema

Conselho Editorial Humberto Salazar Amorin Varum
João da Costa Pantoja
Abner Luis Calixter
Leonardo da Silveira Pirillo Inojosa
Daniel Richard Sant'ana

Organizadores Marta Adriana Bustos Romero
Caio Frederico e Silva
Ederson Oliveira Teixeira

Textos, imagens, figuras e ilustrações são de responsabilidade dos autores.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Reabilitação : reabilitação ambiental
sustentável arquitetônica e urbanística [livro
eletrônico] : registro de curso de especialização
à distância / organização Marta Adriana Bustos
Romero. -- 3. ed. -- Brasília, DF : LaSUS FAU :
Editora da Universidade de Brasília, 2021. --
(Conceituação ; 1)
PDF.

Bibliografia.
ISBN 978-65-992384-8-2

1. Arquitetura 2. Sustentabilidade ambiental
3. Urbanismo I. Romero, Marta Adriana Bustos.
II. Série.

21-90044

CDD-720

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura 720

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

3ª Edição

FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / LaSUS – Laboratório de Sustentabilidade Aplicada a Arquitetura e ao Urbanismo.
Caixa Postal 04431, CEP 70842-970 – Brasília-DF. Telefones: 55 61 99362-3397. Email: lasus@unb.br / www.lasus.unb.br

Sumário geral

EAD-Aprender a aprender na educação à distância	11
Apresentação	14
Capítulo 1 – Mapeando o campo	15
Capítulo 2 – Crenças, vida e o processo ensino-aprendizagem: Relações complexas	29
Capítulo 3 – Linhas mestras de projeto de aprendizagem: Sua carta de navegação	41
Palavras finais	49
Referências	53
PRINSUS - Princípios de sustentabilidade para reabilitação de assentamentos urbanos	55
Apresentação	58
Capítulo 4 – A Gestão Ambiental Urbana	62
Capítulo 5 – Desenvolvimento urbano mais sustentável	83
Capítulo 6 – Áreas de Preservação Permanente	116
Palavras finais	130
Referências	131
ESTBIO - Estratégias bioclimáticas de reabilitação ambiental adaptadas ao projeto	135
Apresentação	138
Capítulo 7 – Lugar, uma questão de significados	140
Capítulo 8 – Uma proposta interativa para qualificar o espaço	154
Capítulo 9 – A concepção bioclimática	162
Palavras finais	194
Referências	195
REVEG – Revegetação	199
Apresentação	202
Capítulo 10 – Conceitos diversos e uso da revegetação	203
Capítulo 11 – As plantas	247
Palavras finais	254
Referências	255



reabilita

EaD

**Aprender a aprender na
Educação à Distância**

Maria de Fátima Guerra de Sousa

Sumário EaD

Apresentação 14

Capítulo 1 – Mapeando o campo 15

1.1 Iniciando o diálogo 15

1.2 Educação à distância, as tecnologias da informação e da comunicação e a aprendizagem 17

Capítulo 2 – Crenças, vida e o processo ensino-aprendizagem:

Relações complexas 29

2.1 Da roda da vida à rota da aprendizagem 29

2.2 O perfil do(a) aluno(a) à distância 36

Capítulo 3 – Linhas mestras de projeto de aprendizagem:

Sua carta de navegação 41

3.1 Em busca da autonomia 41

3.2 A Carta de Navegação 43

3.3 A educação à distância e você: longe das armadilhas e perto da aprendizagem 46

Palavras finais 49

Referências 53

Apresentação

Caro(a) cursista,

Que bom que chegou o dia do nosso curso Reabilita (Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística). Mais uma conquista merecida, de muitas outras que ainda ocorrerão ao longo da sua vida. Parabéns!

Seja muito bem-vindo(a) ao curso e a este módulo inicial!

Neste início, provavelmente a sua expectativa é a de ir direto aos assuntos referenciados no título do curso. Logo verá que não é bem o que ocorre agora. Como viu, a proposta do curso é ser principalmente à distância. Caso contrário, não seria possível termos nele alunos-profissionais de diferentes partes do Brasil. E até do exterior. Então, que tal explorarmos um pouco alguns aspectos importantes da Educação à Distância (EaD), vista na perspectiva de uma metodologia de ensino-aprendizagem?

Hoje, mais do que na época do início do Reabilita, a EaD é mais divulgada e valorizada. Contudo, isto não significa que ainda não existam dúvidas, desconfiâncias e até preconceitos em relação a essa modalidade de ensino. Se você sente um pouco disto, eu diria que é “normal”. Não se preocupe. Faz parte do processo de evolução. Eu mesma já fui assim. Ainda bem que foi num passado longínquo. A sua experiência nesse curso será importante para avaliar seus conceitos. Finalmente, um “preconceito” é, em certo sentido, isto mesmo: um “pré” conceito. Nada como sermos sujeitos da construção de nós mesmos, não é mesmo?

Agora, vamos começar a pensar na EaD, como uma arquitetura da aprendizagem, certo? O que quero dizer com isso é que vamos considerá-la a partir da perspectiva do aluno. Ou melhor, que há especificidades na EAD que precisam ser por ele conhecidas. Dimensões comportamentais, atitudinais e afetivas inerentes ao processo ensino-aprendizagem precisam ser consideradas, se é que se espera sucesso no aprender. É preciso aprender a aprender. Desenvolver a autonomia. Criar e recriar estratégias facilitadoras da aprendizagem.

Espero que o que se segue inspire-o na construção da sua aprendizagem e, sobretudo, ajude-o a construir-se aqui como um aprendiz autônomo.

Sucesso!

Maria de Fatima Guerra de Sousa

Capítulo 1

Mapeando o campo

1.1 Iniciando o diálogo

Por experiência, você sabe que num curso, o sucesso de alunos e professores depende de fatores diversos e interdependentes. Há fatores pessoais, como necessidades, interesses e motivação. Há também fatores estruturais, como a qualidade do material didático e a organização do curso. Há ainda os fatores ambientais, como o espaço físico-social onde o curso se desenvolve.

A interdependência desses fatores não muda quando falamos da EaD. O que muda, diria, são os seus “arranjos”. Isto é, a forma da configuração de seus elementos constitutivos e a dinâmica das suas inter-relações no processo ensino-aprendizagem.

Assim, na perspectiva da arquitetura da sua aprendizagem, o esperado é que você comece a entender, a valorizar e a organizar o seu tempo ao longo do curso, que descubra qual o seu estilo de aprendizagem e, ainda, como melhor estudar e aprender. Isso significa dizer que é preciso que, progressivamente, você se torne um aluno cada vez mais autônomo, nesse complexo e desafiante espaço da EaD.

Para começar, é importante entender o propósito do módulo. Compreenda-o mais como um momento seu de criar os “primeiros rabiscos”; de visualizar a representação primeira de um desejo ou de uma inspiração ou, se achar melhor, como um “partido”, onde você vai delineando as curvas e as linhas do seu aprender, passando a caminhar, de forma mais consciente e segura, na direção do seu melhor empenho, desempenho e aprendizagem.

Falo, então, do início de um processo projetual específico – o da sua aprendizagem no módulo e no curso como um todo. Sinta-se, portanto, convidado a deixar a sua marca em cada movimento da sua sensibilidade, dos seus afetos e das suas cognições. Assuma, com firmeza e decisão, o personalismo no projeto de suas estratégias de aprendizagem, neste seu espaço-aprendiz (nosso, aliás – seu, de seus colegas, dos professores e demais atores deste curso).

Enfim, tome em suas mãos a autoria do aprender aqui, agora e no depois. Sim, pois a aprendizagem acaba por inserir-se nos nossos espaços de vida, até antes de nascermos, pois, como se sabe, ninguém vive sem aprender, não é mesmo?

Com essa explicitação do objetivo do módulo, apresso-me em responder duas perguntas que podem ter ficado no ar: qual, então, o meu papel nisso, como professora-autora? Que projeto desenvolverei, de modo mais específico?

Bom, tentarei ser coautora do seu projeto de aprendizagem. Minha função básica é estimular e orientar a sua movimentação proativa. Vejo-me, pois, como alguém que criou um texto para ter um pretexto para estar por perto e estimulá-lo em sua caminhada aqui. Alguém com a função estratégica de ajudá-lo a descobrir a dinâmica do funcionamento da EaD e de como nela se organizar para aprender mais e melhor.

Assim, buscarei ensiná-lo a descobrir como se manter motivado ao longo do curso, a partir do que apreender e aprender, por meio desse nosso diálogo.

Se buscar soluções criativas para problemas específicos, extraindo o essencial de situações e das ideias, tem sido um desafio constate na sua profissão, esse é só mais um deles. E neste você não está só. Saiba que conta com uma equipe multidisciplinar qualificada que planejou, construiu e constrói as várias etapas deste curso pensando em criar uma ocasião ímpar para o seu projeto de formação continuada, que inclui a participação de todos e de cada um ao longo das atividades gerais do curso.

Acreditamos todos que esta é uma oportunidade que precisa ser aproveitada e valorizada em todos os seus momentos. Temos um projeto em comum: construir a nossa capacidade individual e coletiva de fazer a diferença no mundo por meio de projetos de reabilitação ambiental.

Há, pois, a expectativa de que você não desperdice essa oportunidade e dê o melhor de si e do seu tempo nesse seu curso – tão seu quanto dos seus colegas e de todos nós, que iremos dar continuidade e maior significado à sua construção, nos meses que se seguem. Nessa perspectiva, não é difícil concluir que, assim como você tem as suas perspectivas e expectativas em relação ao curso, temos também todos nós, as nossas, em relação a você.

Não temos dúvidas de que a qualidade do curso está em nossas mãos e no quanto formos capazes de construir uma comunidade de aprendizagem colaborativa, em rede. Vai valer a pena esse esforço concentrado de todos nós. Cada um no seu papel, mas todos comprometidos com o seu próprio sucesso e dos demais.

E lembre-se, novamente: **você não está só!**

“tentarei ser coautora do seu projeto de aprendizagem”

1.2 Educação à distância, as tecnologias da informação e da comunicação e a aprendizagem

Você já percebeu que, aos poucos, a educação à distância vem-se incorporando à nossa cultura? Contudo, a novidade não está na história dessa modalidade – que já existe há muito tempo no mundo e no Brasil, mas no seu reconhecimento como uma forma de ensinar e aprender com qualidade e eficiência.

O rápido e contínuo desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) tem contribuído para que essa modalidade de educação seja um marco decisivo na ampliação das possibilidades de acesso ao conhecimento. Do ponto de vista científico e tecnológico temos tido avanços significativos no Brasil. Contudo, muito ainda precisa ser feito antes que possamos falar numa efetiva democratização do acesso ao conhecimento.

Nessa perspectiva, precisamos concentrar nossos melhores esforços para que um número cada vez maior de pessoas consiga ter acesso, pelo menos, ao computador e à Internet. Isso requer uma decisão política forte. Investimentos a curto, médio e a mais longo prazo. Requer, ainda, uma integração das políticas públicas em geral, e o envolvimento e comprometimento de pessoas e instituições diversas, em especial, dos gestores e professores das instituições educativas de todos os níveis de ensino, para que se tenha acesso às TICs desde a infância, sem exclusão.

Já percebeu que, diferentemente de outrora, no mundo de hoje, falar e defender o direito à educação é, também, incluir o direito e o efetivo acesso às TICs? Percebeu, ainda, que é preciso ampliar o nosso conceito de alfabetização, de modo que este inclua, também, a alfabetização tecnológica?

Se você conhece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento oficial do Ministério da Educação, de caráter normativo, que estabelece o “conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”, deve lembrar-se de que a quinta competência lá definida é: “Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva”.

Não tenho dúvidas de que, sem essas competências, é uma falácia falar numa educação democrática, em todos os níveis. Num país continental e com tantas desigualdades e diversidade como o nosso, as demandas da “educação ao longo da vida” apontam para a necessidade de se

ter soluções sob a forma de projetos formativos múltiplos, diversos e continuados. Um curso como o nosso é um exemplo de uma resposta a esse desafio. É, também, uma evidência de que, sem a educação à distância e sem o uso, cada vez mais amplo, das TICs, não poderemos atender a todas as demandas.

É preciso, de certa forma, inverter a ordem das coisas. Não podemos esperar, apenas, que as pessoas busquem a educação. Ela precisa ir até elas onde, quando e como precisarem. Nos seus tempos e lugares – pessoal, profissional e social. Nos seus contextos e circunstâncias. No tempo e lugar dos seus limites e das suas possibilidades reais de estudar em qualquer lugar e a qualquer hora por elas decididos, e não por nós, que não habitamos a sua pele.

Veja o caso deste curso. Temos pessoas de todas as regiões do país. Se ele fosse todo presencial, na Universidade de Brasília (UnB), quantas pessoas poderiam fazê-lo? Com certeza bem poucas. Talvez nem mesmo todas as do Distrito Federal.

É já esperado isso, pois para irem às aulas teriam que solucionar conflitos sérios em relação ao trabalho e demandas outras da vida. É compreensível. Como abrir mão do horário de expediente, por tanto tempo? Mesmo que não se tivesse aulas diariamente, seria complicado pensar, agora, em frequentar um curso presencial, na UnB, não seria? Mas sendo um curso à distância a coisa muda de figura, pois ele permite que se tenha uma flexibilidade maior de horários e que cada um se organize para fazê-lo conforme o que for mais conveniente para si.

Não havendo na nossa cultura a incorporação da prática da educação à distância nos diferentes níveis de ensino, como ocorre em outros países tais como a Inglaterra, a França, a Espanha, a Índia, a Austrália, a China e muitos outros, há, ainda, em nosso país, muitos preconceitos em relação à educação à distância.

Faltam mesmo muitas informações. Por exemplo, ignoram-se os resultados educativos e formativos das múltiplas e diversificadas experiências de EaD em todos os continentes do mundo. Isto inclui o impressionante trabalho desenvolvido pelas chamadas megauniversidades – aquelas com mais de quinhentos mil alunos nos seus diferentes cursos à distância, como é o caso de universidades na China, na Índia e na Inglaterra.

Esses preconceitos em relação à educação à distância se manifestam de modos diversos. Um deles – talvez o mais visível – seja o de, em geral, duvidar-se da sua qualidade. Uma das consequências negativas desse preconceito é não se oferecerem cursos à distância. Tem-se

Você sabia que o estado da Amazônia é referência sobre EaD no Brasil?

Vale a pesquisa.

assim, o ingrediente necessário para se limitar o acesso à educação e ao conhecimento de pessoas que não mais podem ou não se sentem motivadas para voltar aos bancos escolares.

Há realidades outras. Por exemplo, muitas pessoas que se matriculam em cursos à distância ainda se sentem inseguras em relação à qualidade destes, apenas por isto: ser um curso “à distância”. Outras acham, equivocadamente, que é bem mais fácil estudar à distância. Igualmente, uma quantidade significativa de alunos sente-se “perdida” no curso, seja pela incapacidade de se planejar e se organizar, seja pelo sentimento de “solidão”, inexistente, em geral, em cursos presenciais e capaz de ser evitado nos cursos à distância.

A propósito: já lhe ocorreu que muitos dos “fracassos” em cursos, em todos os níveis ou modalidades, devem-se, em parte, ao fato de que poucos professores se preocupam em preparar os seus alunos para eles? Vão direto para os conteúdos, ou priorizam o cognitivo e ignoram, por exemplo, que as experiências e conhecimentos anteriores dos alunos sobre um dado tema (ou a ausência disso) interferem positiva ou negativamente na aprendizagem, podendo, inclusive, criar as chamadas “dificuldades de aprendizagem”?

Outra coisa: já notou que não se fala sobre as dificuldades do ensino, mas nas da aprendizagem? Resultado? Num complexo processo como o de ensino-aprendizagem, a “culpa” do insucesso sobra para o ator mais fraco: aluno, visto como alguém incapaz de aprender.

Antes de responder, sugiro uma pausa para que você possa tomar uma água, café ou chá, o que preferir, assim como comer uma bolacha... Ou seria um biscoito? Vou-me restringir ao contexto da EaD para não perder o foco.

Quer ver como tudo isso, apesar de forte, passa “batido” na vida? Então, pare um pouco e pense sobre a sua vida escolar, desde a sua infância. Tente, agora, responder ao seguinte: quantos professores você teve que realmente se preocuparam em preparar os alunos para os seus cursos? Quantos foram sensíveis à observação dos aspectos afetivos da relação aluno-professor que, igualmente, afetam – positiva ou negativamente – a aprendizagem?

Qual o resultado desse estado de coisas? O que você acha?

Para responder, vou-me restringir ao contexto da EaD. Nesse caso posso dizer que, se não trabalharmos essas coisas de modo a, intencionalmente, evitá-las, começa a ocorrer, para os alunos, um doloroso processo de descompasso entre as exigências do curso e a capacidade

efetiva de respondê-las. Outras coisas vão-se tornando prioritárias, e o curso vai ficando cada vez mais distante do quadro de prioridades do aluno. Não deixe que isto ocorra com você.

No começo do curso, há muitas dúvidas, preocupações e incertezas. Isso é normal em qualquer curso. Mas ocorre justamente por não se saber arquitetar e pôr em prática as estratégias adequadas para se organizar melhor como “aluno”. Em um curso à distância, esse sentimento generalizado de desconforto, quando não devidamente orientado, acompanhado e apoiado, só tende a piorar.

Como estudar à distância é, em geral, uma experiência nova e diferente para muitos alunos, essa atividade requer orientações e acompanhamentos individualizados, por parte da instituição promotora do curso. Em geral, cabe ao professor-tutor estar em contato mais direto com o aluno. Não apenas orientando-o em relação aos conteúdos – que é muito importante – mas, também, ajudando-o, motivando-o em seus estudos, de modo a construir a sua autonomia, como um aprendiz à distância.

Se isto não for levado a sério, e se o aluno não assumir, cada vez mais, o processo da sua aprendizagem, de modo consciente, o que poderá ocorrer? Isto mesmo: um elevado número de evasões. É, pois, preciso evitar isso a todo custo. Seja por ser uma experiência negativa para o aluno, seja por evidenciar despreparo dos organizadores e gestores do curso. Na educação, não se trabalha com improvisos. E, portanto, na sua modalidade à distância, também não. Muito pelo contrário!

Ao longo dos anos em que trabalho com a EaD, tenho visto que, de fato, um grande número de alunos chega aos nossos cursos com aquele sentimento de desconfiança, porque, bem lá no “fundo do coração”, sequer acreditam na qualidade deles.

No geral, optam por essa modalidade não de forma consciente ou por uma atitude de determinação pessoal, mas por uma ausência de opções, quer pela falta de tempo, quer pela não oportunidade de estar em cursos presenciais, como desejariam. O que os motiva inicialmente para os cursos à distância é, sobretudo, a necessidade e a praticidade proporcionada pela flexibilidade do tempo.

Como é fácil saber, a maioria desses alunos trabalha, e ficaria muito difícil conciliar as duas coisas – estudar e trabalhar. A não ser que recorressem à educação à distância.

Duvidar, a priori, da qualidade de um curso, só porque ele é à distância, é sustentar uma crença contraditória: a de que a qualidade está nos cursos presenciais. Presencialidade passa, assim, a ser sinônimo de

Um curso EaD não possui barreiras geográficas.

qualidade. Contudo, isso não passa de meia-verdade. Ou será que eu estou equivocada?

Veja o seguinte: a presencialidade de um curso garante a sua qualidade? Penso que não. É possível haver excelentes cursos à distância, sem qualquer momento presencial, e cursos muito ruins, totalmente presenciais, não é mesmo? O que você acha disso? Estou certa ou errada?

Bom, penso que se a qualidade de um curso estivesse atrelada à sua presencialidade, ou se isto sustentasse a sua qualidade, teríamos que reconhecer que todos os cursos presenciais no Brasil e no mundo, são, necessariamente, de qualidade, não é verdade?

Ora, não é bem isso o que a realidade nos diz nas avaliações realizadas sobre os resultados da educação e do ensino nos seus diferentes níveis, no Brasil e no mundo.

Agora voltemos novamente a você. Pare, pense e responda: somando tudo o que você já estudou “presencialmente” você diria que todos os seus cursos foram de qualidade? Até já sei a sua resposta: “Não”! Então, nesse momento inicial do módulo, deixo uma pergunta a mais para você pensar e responder: o que realmente contribui para a qualidade de um curso e, em especial, para um curso à distância?

Pausa novamente para o cafezinho?

Nem pensar. Deve ter menos de 10 minutos que fizemos nossa pausa, não é mesmo?

Voltando ao assunto de qualidade/presencialidade...

Como os demais, cursos à distância são planejados para que as pessoas aprendam. Para que se sintam cada vez mais motivadas e descubram que por meio deles elas podem crescer, pessoal e profissionalmente. Se isso não ocorre, não podemos dizer que sejam cursos de qualidade, podemos?

Valorize e esteja atento ao estudo desse módulo sobre a arquitetura da aprendizagem, no contexto da EaD. Logo você descobrirá que, à medida que for caminhando, refletindo, envolvendo-se, comprometendo-se e assumindo a sua aprendizagem agora e no curso como um todo, você estará aprendendo sobre a qualidade na educação à distância de uma forma muito peculiar: vivendo, na relação teoria-prática, o processo de construção da sua qualidade, onde a sua aprendizagem tem papel relevante. Mais ainda quando for descobrindo as possibilidades de uma aprendizagem colaborativa em rede, onde todos ensinam e todos aprendem, como a metodologia da EaD permite e até estimula.

Antes de continuar, vamos sintetizar o que já dialogamos até aqui?

Aqui você já tem alguns critérios de avaliação da qualidade de cursos à distância. Pare e pense no seguinte: no seu processo de estudos, que outros critérios acrescentaria a esta lista?

Veja: falamos da importância da democratização do acesso ao conhecimento, da relativa pouca inserção da educação à distância na nossa cultura e na possibilidade da existência, por parte de algumas pessoas, de uma atitude um pouco “desconfiada” em relação à educação à distância, no sentido da seriedade ou qualidade dos cursos que usam essa metodologia de ensino. Fizemos algumas considerações sobre as consequências disso.

Falamos, ainda, sobre alguns dos critérios da qualidade dos cursos à distância e fizemos menção à importância da autonomia do aprendiz. Isto é, de o aluno – no caso, você – ir assumindo, cada vez mais, o controle da sua aprendizagem.

Claro que num curso como esse tem coisas referentes à qualidade que não dependem de você nem lhe dizem respeito, diretamente. Mas tem muita coisa que depende. Este será o foco desse nosso diálogo.

Para começar, entenda que o seu ofício aqui é criar aprendizagens. Desde esse início, é relevante que você busque aprender. Assuma a responsabilidade no arquitetar das suas estratégias de aprendizagem. Veja: este curso precisa fazer parte do projeto geral da sua vida. Ele jamais pode ser percebido ou vivido como uma “pedra no caminho”; nem como algo de pouco valor ou de “segunda categoria”, mas como algo que tem um valor especial, no conjunto de suas prioridades nesse seu tempo de vida. Finalmente, ninguém se envolve ou se compromete com aquilo que não entende ou não acredita, não é mesmo?

Buscando estabelecer uma ponte entre você e o objetivo maior deste módulo, fiz o que há pouco sugeri a você: parei para pensar. No caso, pensei não em mim, mas em você. Sabe por quê? Porque seria uma incoerência da minha parte continuar nesse nosso diálogo sem que saibamos, agora, como você pode estar se sentindo no começo dessa jornada.

Então, nesse exercício de tentar me colocar “debaixo da sua pele”, nesse momento em que acaba de assumir um compromisso sério – este curso de especialização –, comecei a pensar no seguinte:

- quais sentimentos e expectativas o invadem ao saber que você tem todo um curso pela frente, que se dará em um tempo relati-

vamente curto, e que precisa ser priorizado entre tantas outras coisas da sua vida?

- qual a sua percepção objetiva deste curso, com as informações de que dispõe agora?
- quais emoções povoam a sua mente e o seu coração, e como você irá trabalhar com elas daqui para frente?
- será que você sabe mesmo o quanto esse curso exigirá do seu tempo, da sua atenção e da sua dedicação?
- será que você ponderou isso, ao se matricular nele?
- quais estratégias você pensou usar na criação da arquitetura da sua aprendizagem?
- se houver “pedras no caminho”, que caminho das pedras você irá explorar ou construir, alternativamente?

E lógico, que depois de tantas perguntas, fiz outras reflexões. Passo-as para você, convidando-o a pensar e a agir proativamente, sobre cada uma delas.

- Como será o seu projeto de aprendizagem?
- Será que o seu design prevê a construção de um mapa das “trilhas” da aprendizagem à distância?
- Que marcos relevantes tem esse seu mapa?
- De que ferramentas você já dispõe para a sua jornada, e que outras precisa adquirir?
- Que estratégias e rotas são as mais relevantes para o aprender?
- Em quais delas há armadilhas e como evitá-las?

Pensei, ainda, se você tinha ou não experiência prévia em EaD, que lhe pudesse ser útil de algum modo agora. E, caso não tenha essa experiência nem as ferramentas adequadas para a construção dessa sua jornada ou do seu projeto do aprender à distância, o que você precisaria fazer para tê-las já?

Pergunto então: O que lhe falta? Como você vai resolver isto?

E mais: como nós, a equipe de professores e demais profissionais envolvidos neste curso, podemos ajudá-lo nesse momento inicial, e ao

longo de todo o curso?

Mantenha-nos informados sobre as suas necessidades, para que possamos orientá-lo de forma precisa e adequada. O seu professor-tutor será a pessoa ideal para fazer essa mediação. Mantenha-se em contato permanente com ele ao longo dos módulos de estudo. Concluindo essa unidade sobre o “mapeamento do campo”, sugiro que você comece a se analisar e veja como estão, de fato, os seus sentimentos e as suas emoções em relação a este curso que você começa agora. Afinal, ele irá ocupar parte significativa do seu tempo e vai exigir uma dedicação bem especial sua, não é mesmo?

Passado o momento de alegria pelo início do curso (o que precisa e merece mesmo ser celebrado), fiquei imaginando se o seu sentimento de agora se aproxima do descrito em um dos belos e instigantes poemas de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), intitulado José, que já começa com uma pergunta desafiadora: E agora, José?

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.

José, e agora?
Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?



Quer saber mais?

Carlos Drummond de Andrade, um dos principais nomes da literatura brasileira do século vinte, identificado como um poeta social, produziu durante mais de 60 anos. Escreveu até bem perto de morrer. Tem 25 livros de poesia, publicados em diversas edições.

Vale à pena conhecer a sua obra. Entre no espírito.

Num dos intervalos de estudos e trabalho, sinta a beleza do lirismo drummondiano. Para isso você pode ler, por exemplo, a sua “Antologia poética”. Foi organizada pelo próprio autor. O poema José está aí publicado junto com outros como: Canção amiga, Quadrilha e A máquina do mundo.

O livro Antologia Poética é da Editora Record.

Se quiser ir além, e entender a dimensão histórica da poesia drummondiana, leia: “Drummond cordial”, do jornalista e crítico literário Jerônimo Teixeira, publicado em 2005, pela Nankin Editorial. Trata-se de um trabalho onde a historicidade poética de Drummond é analisada a partir da noção de “homem cordial”, proposta por Sérgio Buarque de Holanda em seu livro “Raízes do Brasil”.

Não sei bem se este é o seu caso, se você está ou não se perguntando: e agora?

É provável que esteja. Mais ainda se nunca estudou à distância. Por outro lado, também desconheço o tipo de avaliação que faz da educação à distância em si. Se a enxerga de modo positivo ou ainda se se sente inseguro para tal avaliação.

O fato é que o desafio está posto: você está matriculado em um curso à distância e tem toda uma caminhada a fazer por meio dessa metodologia. Ela não pode ser feita de qualquer jeito. Estamos falando de uma oportunidade ímpar do seu processo de formação pessoal e profissional, não é mesmo? E, claro, você é o principal interessado nele.

Antes de continuar essa sua leitura, quero lembrá-lo de algo muito importante agora e ao longo de toda a sua caminhada: em educação à distância você nunca está só! Não pense nunca que está só. Isso seria um equívoco, pois há toda uma equipe multidisciplinar na base de sustentação deste seu curso, desde o seu planejamento inicial, há um certo tempo. E isso existirá ao longo de todo o período do curso.

Sabe por quê? Porque nossa equipe de professores e professor-tutor está fortemente interessada em você e nos seus colegas. Queremos ser mediadores na construção da arquitetura da aprendizagem de todos. Nosso principal objetivo é que esta seja uma experiência de aprendizagem muito positiva e prazerosa para todos — vocês, nós e as demais pessoas envolvidas neste curso, desde o seu início. Pensamos, também, nas pessoas e nos ambientes que serão beneficiados pelas intervenções de vocês no campo, conforme o que decidirem como trabalho de conclusão do curso (o “temido” TCC) e os muitos outros projetos que

“em educação a distância você nunca está só!”

virão depois.

Estamos juntos, também, no belo desafio de criar uma teia de saberes, de trocas de experiências, uma bela rede de aprendizagem colaborativa, usando como meio o Moodle. Nesse sentido, logo você descobrirá o quanto faz sentido usar a Internet, participar dos chats e fóruns propostos.

Vivencie isso e veja se tenho ou não razão.

No momento, você está em contato com o seu primeiro material didático deste curso. Esta forma de sistematizar e apresentar os conteúdos já lhe mostra que um curso à distância de qualidade se inicia muito antes de o aluno ter em mãos, ou disponível on-line, o seu material didático. Ele resulta de uma complexa integração de fatores e atores. No entanto, como aluno, você terá contato mais direto apenas com um desses atores: o seu professor-tutor.

O professor-tutor irá orientar e acompanhar todas as suas atividades durante o curso.

Os professores-tutores são pessoas devidamente selecionadas e treinadas para acompanhar o seu processo de aprendizagem, orientando-o e tirando as suas dúvidas, quando solicitado. Fique atento! O professor-tutor será uma pessoa chave na sua caminhada ao longo do curso.

Como você já sabe que não estará sozinho em sua jornada, vamos voltar um pouco ao poema José. Se percebeu, sabe que aquele José do Drummond certamente não estava nos seus melhores dias. Isso, felizmente, não é o seu caso agora. A sua situação é bem outra, não é mesmo? Mas é claro! Além de você não estar em fim de festa, nem sem luz, o seu povo não sumiu. Isso mesmo. Veja: nós estamos aqui na torcida pelo seu sucesso no curso, junto com o de seus colegas, e organizados para apoiar a sua caminhada nele. Somos parte do seu povo. Sabemos que os seus familiares, colegas e amigos, também integram a torcida.

Ainda que geograficamente dispersos, os seus colegas de curso também estão inclusos nesse “povo do momento”, ou seja: integram o que passo a chamar de povo deste curso. Esperamos que isto se prolongue e não fique apenas no momento de vigência do curso. A vida continua. E se ela puder ser vivida junto com os colegas e amigos conquistados nos caminhos da aprendizagem e da vida, tanto melhor!

Como você, acredito que a maioria do povo deste curso se organiza para fazê-lo bem! Afinal, nenhum de vocês está mais na fase da adolescência, quando passamos por várias experiências para “testar”, para

“provocar” ou para “ver no que dá”. Esse tempo passou! O momento agora é outro.

Como eu, você sabe que não dá mais para passar por um dado curso, e o curso não passar por você em nenhum de seus tempos curriculares. Ninguém merece isso!

Diferentemente daquele José do Drummond, você tem nome próprio, não está perdido nem “marchando” ou no “galope”, sem saber para onde. Há um projeto pedagógico do curso. Há uma organização curricular a ser seguida. E, sobretudo, há um processo de formação em andamento que merece toda a sua atenção: o seu e o de seus colegas. Haverá sempre espaços, neste curso, para todos se ajudarem e crescerem. Descubra-os e use-os. Ensine e estimule os seus colegas para que façam o mesmo.

Capítulo 2

Crenças, vida e o processo ensino-aprendizagem: Relações complexas

2.1 Da roda da vida à rota da aprendizagem

Uma das coisas mais complexas e mais bonitas da vida é a nossa capacidade de aprender. Já pensou se isso não existisse? Já pensou se, também, não tivéssemos a capacidade de memorizar o que aprendemos a cada dia?

Você sabia que, entre as espécies animais, a nossa é a que tem um maior período de infância e, portanto, um tempo maior para as aprendizagens mais básicas necessárias à vida, como alimentar-se, falar, ouvir e andar?

Já percebeu que, apesar de a aprendizagem fazer parte da nossa vida e integrar o nosso cotidiano, nem sempre paramos para refletir sobre a aprendizagem, a não ser quando algo nos força a isso como uma dificuldade ou uma necessidade de ensinar ou aprender algo? Ou ainda, quando temos diante de nós outras coisas mais simples, como ajudar os nossos filhos com o dever de casa?

Vamos, neste início de diálogo sobre a aprendizagem, concentrar-nos na busca do significado do termo “aprendizagem”? Penso que isso faz todo o sentido, já que, nesse momento do curso, um dos seus maiores desafios é este: aprender.

A exemplo de outros conceitos, não há consenso sobre o significado de “aprendizagem”. Ele varia conforme o referencial teórico considerado. No momento, não cabe explorarmos as teorias de aprendizagem. Contudo, é importante que saiba que sempre que se trabalha com esse conceito se tem uma dada concepção ou se atribui a ele um dado significado. Esteja isso explicitado ou não. Ademais, esse conceito ou significado subjacente influencia o direcionamento que se dá à prática a ele relacionada.

Entendo a aprendizagem como um processo que deve ser, antes de tudo, algo significativo para o aprendiz. Aprender é, pois, uma busca permanente de significado e coerência, por parte de quem aprende. Falar sobre a aprendizagem é, também, referir-se a aspectos cognitivo-

-intelectuais, tanto quanto àqueles subjetivos e sociais.

A dimensão subjetiva do processo de aprender nos leva a prestar atenção ao caráter singular do sujeito que aprende a compreender que a aprendizagem está envolvida na produção do conhecimento científico; a entendê-la em termos de criação, discussão e reflexão (de conteúdo) e não de “reprodução”; e, finalmente, entendê-la como inerente ao processo de desenvolvimento, como um todo (GONZÁLEZ REY, 2006). Nessa perspectiva, o aluno é considerado como sujeito de sua aprendizagem.

O mesmo autor ainda comenta (GONZÁLEZ REY, 2006, pag. 40):

Quando considerar um aluno sujeito de sua aprendizagem?

Quando ele é capaz de:

- desenvolver um roteiro diferenciado em relação ao que aprende;
- se posicionar crítica e reflexivamente em relação à aprendiza-

Voltando à ideia da relação concepção-prática no contexto da relação ensino-aprendizagem, relato uma experiência recente que vivi: conheci um professor dando aula sobre o uso do ambiente virtual Moodle para um grupo de colegas da universidade. Ele os aconselhava a organizarem os seus cursos semana a semana e, em cada uma delas, dar uma atividade avaliativa para os alunos, sem, contudo, deixá-la nesse ambiente de aprendizagem além daquela dada semana. A sua máxima para isso era: “para cada semana, a sua dor”!

Não vou explorar os possíveis equívocos em termos desse tipo de “pressuposto pedagógico” e a sua subsequente prática. Prefiro ressaltar o fato de que aprender, assim como crescer e se desenvolver, é uma necessidade da vida e uma ação que também nos pode trazer muito prazer e alegria. Não acho que seja uma atitude hipócrita pensar assim, conforme me foi dito por aquele professor, quando o questionei ao referir-se à aprendizagem semanal como um “ato de dor”. Pensamos mesmo diferente! Nem melhor nem pior – cada um age conforme as suas crenças.

Como as pessoas não são iguais mesmo, pode até ser que o seu jeito de ensinar seja apropriado para quem partilha da sua filosofia de vida. Pode ser também que, assim falando, ele apenas quisesse provocar a audiência. Não importa no momento. Como educadora, não posso deixar de destacar que a educação já avançou muito em seus métodos e, com certeza, tem muito a dizer para professores como esse, sobre relações ensino-aprendizagem mais positivas e afetivas.

Já pensou antes sobre isso? Que as pessoas agem conforme as suas crenças (dentro e fora da sala de aula)? É por isso que digo muito que

não se treinam professores, formam-se professores. E essa formação precisa, muitas vezes, mudar radicalmente as suas crenças e o seu conhecimento sobre como se aprende e, conseqüentemente, que estratégias são adequadas nas relações ensino-aprendizagem. Crenças e atitudes são mesmo faces de uma mesma moeda, não são?

No meu caso aqui, você identifica a concepção de aprendizagem que tenho? Trabalho com o conceito de aprendizagem significativa, segundo as concepções de Fink. São dele as palavras:

“Se a aprendizagem é vista não como a aquisição de informação, mas como uma busca de significado e coerência na vida de uma pessoa, e se enfatiza aquilo que é aprendido e seu significado pessoal para o aprendiz, mais do que no quanto foi aprendido, os pesquisadores ganhariam novos e valiosos insights tanto para o que diz respeito aos mecanismos da aprendizagem, quanto para as vantagens relativas dos modos de aprendizagem, o controlado pelo professor e o controlado pelo aluno.” (FINK, 2003, pag. 27)

Assim, entendo o ensino – o que tento fazer agora com você, de certa forma – como uma busca contínua de criar experiências de aprendizagens que sejam significativas para o aluno. Não apenas no seu papel de estudante, mas para a sua vida, como um todo – presente e futura. Segundo as ideias de Fink (2003, pag. 9), quando a aprendizagem é significativa, espera-se que o aluno continue, até bem depois do curso, sendo capaz de:

- aplicar e usar o que aprendeu em situações reais da vida;
- descobrir formas de tornar o mundo melhor e, nele, fazer a diferença;
- desenvolver um senso profundo de curiosidade;
- envolver-se com a aprendizagem continuada;
- vivenciar o “prazer de aprender”;
- orgulhar-se do que tem feito e ter sucesso em qualquer disciplina ou linha de trabalho que escolher;
- sentir a importância da participação (construção) comunitária, no trabalho e na vida pessoal;
- ver as conexões entre suas crenças, valores e ações e aqueles dos outros;

- pensar sobre os problemas de uma forma integrada (não separada ou compartimentalizada);
- perceber a necessidade de mudança no mundo e ser um agente dela;
- ser um solucionador criativo de problemas;
- desenvolver habilidades básicas à vida, como as comunicativas;
- entender e ser capaz de usar princípios do curso que fez;
- permanecer uma pessoa positiva, a despeito dos obstáculos e desafios da vida e do trabalho;
- ser “Mentor” de outros;
- continuar a crescer como um pensador crítico;
- valorizar o aperfeiçoamento contínuo.

Então, se a aprendizagem, neste módulo e no curso em geral, precisa ser significativa, isso requer de você agora duas coisas: clareza e atitude. No primeiro caso, refiro-me à necessidade de você mesmo descobrir como o curso, no geral, e o módulo, em particular, podem contribuir para que você cuide do seu ofício: o de criar aprendizagens, planejando e organizando a arquitetura do seu aprender.

“clareza e atitude”

Já no que se refere à atitude, refiro-me, na verdade, a um conjunto de ações. Assim, deve importar a você, principalmente, descobrir como pode se estruturar e se organizar melhor, para aprender, conforme falamos anteriormente. Agora, resumo isso tudo em duas palavras: interação e participação.

Quer saber mais?

A interação é um dos pilares da educação à distância. Se quiser entender um pouco mais sobre isso, sugiro a leitura do trabalho:

Understanding of Interactions in Distance Education: A Review of the Literature, das autoras Thurmond e Wambach.

Neste trabalho as autoras enfocam quatro tipos de atividades de

interação que ocorrem em cursos à distância: aprendiz-conteúdo (*learner-content*), aprendiz-aprendiz (*learner-learner*), aprendiz-instrutor (*learner-instructor*), e aprendiz-interface (*learner-interface*).

Deixarei o trabalho para leitura como material complementar do módulo, junto com alguns estudos em português:

Interação e Comunicação em Educação à distância

Trabalho de 2011. Trouxe a referência dele pelas reflexões que traz sobre as interações que se dão entre professor-tutor e cursistas num curso de formação de professores, no contexto da EaD. Estudo que apresenta algumas reflexões voltadas às interações que ocorrem entre professor-tutor e cursistas na ferramenta fórum educacional de um curso de formação de professores, na modalidade de ensino à distância.

A importância de ferramentas do Moodle na educação à distância.

Estudo de 2015 que traz levantamentos bibliográficos e documentais sobre o tema e analisa as potencialidades de tais ferramentas na construção da aprendizagem em ambientes virtuais de aprendizagem.

A interação como indicador de qualidade na avaliação da qualidade na educação à distância: um estudo de caso com docentes, professores-tutores e alunos.

Estudo publicado em dezembro de 2018. Seu foco avaliativo foi ver como se configura a interação entre docentes, professores-tutores e estudantes de um curso de licenciatura em EaD, conforme os indicadores de avaliação integrantes dos Referências de Qualidade e do Instrumento de Avaliação de Cursos, do Ministério da Educação.

Retomando um pouco aquela ideia de aprendiz autônomo, lembro-o que para ter sucesso no aprender à distância é preciso que você, desde o início, se conscientize de uma série de coisas e providencie outras tantas.

Para ajudá-lo, listo aqui alguns itens para você se autoavaliar em relação a elas.

Busco, assim, ajudá-lo a ter uma consciência maior das suas condições

gerais para arquitetar, desde já, o seu projeto de aprendizagem, entendendo como melhor ler, estudar e aprender.

Nota: Usando como palavras-chave educação à distância, ensino on-line, ensino à distância e similares você encontrará muitos outros trabalhos. No Scielo, no Google acadêmico, nas Bibliotecas virtuais das Universidades, e em outras fontes como o Portal da Associação Brasileira da Educação à distância, o do Ministério da Educação e os vários periódicos disponíveis. Se for o caso de querer conhecer mais este ou aquele aspecto da EaD seja mais específico em suas buscas.

Nesse sentido, proponho que se veja agora nesse papel de aprendiz. Veja-se como alguém que está planejando e traçando suas curvas e linhas, rotas e metas e, ainda, estabelecendo as suas prioridades.

Se você é uma pessoa lúdica, ou alguém que gosta de testes para se autoavaliar e se conhecer melhor, vai gostar de considerar essa lista como um jogo no qual deve ser atribuída, a cada um dos seus 20 itens, uma pontuação que varia de 0 a 3 pontos. O maior deve corresponder ao que mais se aproxima da sua realidade atual em relação ao curso, e vice-versa. Aquilo que estiver posicionado em 1,5 ou menos, na sua avaliação, indica o que precisa de sua maior atenção, para aumentar as suas chances de aprender e ter sucesso no curso.

Vamos lá?

1. Tenho a clareza da importância deste curso na minha vida pessoal e profissional.
2. Se este curso não fosse à distância, não teria condições de fazê-lo.
3. Não tenho dúvidas de que preciso fazer agora este curso a distância, e não deixar para depois.
4. Este curso é, com certeza, uma das minhas prioridades neste momento da minha vida.
5. A minha motivação para este curso é muito alta.
6. Sei, com segurança, tudo o que preciso fazer para estudar e aprender à distância, com sucesso.
7. As minhas possibilidades reais de tempo para me dedicar a este curso são ótimas.

8. Já montei meu cronograma de leitura e de estudos para o curso, e tenho uma visão clara de todas as demandas dele, inclusive aquelas relativas às atividades avaliativas que terei que elaborar e enviar.

9. O cronograma que construí para esse curso já está sintonizado com as demais demandas da minha vida pessoal e profissional.

10. Há, nesse cronograma planejado, uma margem para imprevistos.

11. No que depender de mim, nada está pondo em risco o meu desempenho de qualidade no curso, nem mesmo o atendimento ao cronograma estipulado pelo curso e, menos ainda, saber que ele será desenvolvido on-line.

12. Além da reserva de um tempo sistemático para os meus estudos nesse curso, já reservei, também, um local adequado para isso.

13. Lerei e estudarei diariamente para este curso.

14. Considero que tenho um perfil adequado para o estudo a distância, principalmente porque sei que sou muito autônomo e sei “ir atrás” do que preciso para aprender, sem precisar depender de ninguém.

15. Quando estudo, não tenho problema em me manter motivado, ainda que num curso à distância.

16. Sinto-me à vontade quando preciso passar um bom tempo mais isolado, lendo e estudando.

17. Confio nas minhas habilidades de leitura e escrita. Elas são muito boas!

18. Confio nas minhas habilidades para usar o computador e acessar a Internet.

19. No que depender de mim, este curso será uma experiência de aprendizagem significativa.

20. Sinto-me, em todos os aspectos, preparado para esse curso.

Como foi a sua autoavaliação?

Está satisfeito(a) com o seu resultado?

De que recursos você já dispõe para aprender e o que requer sua maior atenção agora?

Por que falar nessas coisas agora? Veja parte da justificativa disso no que se segue. A outra parte virá das suas reflexões sobre o tema.

2.2 O perfil do(a) aluno(a) à distância

Qual o perfil ideal de quem estuda à distância? Você acha que isto está claro para você? Você se identifica como uma pessoa que o tem?

Pensar sobre isso é importante, pois não basta querer estudar à distância. É preciso ter um perfil adequado para isso. É preciso se preparar, criticamente, para conseguir estudar e aprender à distância. Não é fácil! Haverá sempre demandas diversas a exigir a sua atenção. Equilibrar esse conjunto de demandas não é algo simples de se fazer. É preciso pensar e criar estratégias adequadas para isso. Pode ser uma tarefa difícil, principalmente no começo, mas não é algo impossível de ser feito.

Veja que o instrumento que propus, embora simples, permite que você se autoavaliar em relação ao preparo ou às suas condições iniciais para ter sucesso neste curso, a partir de cada item, e no conjunto deles. Por exemplo, se ao longo daqueles 20 itens, a soma de seus pontos girar em torno de 30, ou menos, já vai saber, de imediato, que é preciso refletir sobre o porquê disso e resolver.

Nesse caso, é só identificar os itens menos pontuados: o que eles significam para você?

Mas veja bem: não estou me referindo a uma simples pontuação, o que não faria sequer sentido aqui. Falo de aspectos que podem envolver mudanças de hábitos e de atitudes e isso, sabemos todos, não se consegue de uma hora para outra.

Se uma pessoa precisa sempre de alguém para lhe “empurrar” para ler ou estudar, ou se precisa que lhe cobrem compromissos assumidos, ou, ainda, não se sente bem ao se isolar, por um certo período de tempo, para se concentrar e estudar de forma sistemática, será bem difícil para ela estudar à distância. Isto pode lhe parecer um “trabalho de Hércules”, ou um obstáculo quase intransponível.

Ao se autoavaliar a partir daquela lista, deu para perceber quantas coisas estão em jogo quando nos desafiamos a criar aprendizagens em educação à distância? Ou seja, quando estamos na situação de “aprender a aprender”, na metodologia da educação à distância? Já havia pensado nisso antes?

O que fazer agora? Se isto lhe inquieta, eu lhe trago a famosa pergunta:

“E agora, José?”. Aprender e ensinar em EaD não são coisas simples.

Está na hora de dar uma parada, refletir e se organizar melhor não só para o estudo do módulo, mas principalmente, para o estudo ao longo do curso.

Sei bem sobre a complexidade do processo ensino-aprendizagem. Muito do que vivo e trabalho gira em torno desse tema. Sei que quem estuda à distância tem um enorme e contínuo desafio: conciliar o estudo e o trabalho, sair-se bem em ambos e, ainda, dar conta das demais coisas da roda da vida. Como mulher, sei que isso é particularmente mais difícil quando nos desdobramos nos nossos diversos papéis de esposa, mãe, dona de casa e profissional. Cada um com as suas exigências. No conjunto, não é difícil estarmos ativas por cerca de 10 horas ou mais, a cada dia.

Claro que não só as mulheres são ocupadas. Na fase adulta, as demandas da vida são muitas e diversas. Mas isso ainda não diz tudo. Adultos são, em geral, pessoas que estão no mercado de trabalho. Isso significa que eles têm que se “virar nos trinta”. Aliás, talvez eu devesse dizer: se virar nuns trinta. Sei bem, por experiência, o que é dar conta de casa, família, estudo e trabalho. Já é difícil quando tudo está “normal”. Mas chega a ser muito penoso quando enfrentamos eventos inesperados como o desemprego, doença entre familiares, gravidez e outros. E acreditem, sempre rola uma gravidez no curso, não entre alunos... ou quem sabe...

“aliás, talvez eu devesse dizer: se virar nuns trinta”

Sei, também, que quanto mais planejo e organizo o tempo, reduzo o nível de ansiedade e, em alguns casos, até de angústia – quando tenho muita coisa com igualdade de prioridades e prazos, e dessa forma consigo dar conta de tudo. Assim, meu trabalho rende mais e melhor. Não menor é o prazer pelos sucessivos sentimentos de missão cumprida, o que me dá nova energia para a próxima.

Se você tem toda uma agenda cheia, mas não consegue planejar e pôr em ordem o seu tempo, sabe o quanto isso traz de peso extra no seu cotidiano. Não precisa pensar nisso como algo imutável. Menos ainda colocar-se como vítima das circunstâncias. Em nada na vida, aliás.

Acredite: você pode mudar isso em um prazo relativamente curto. Basta aprender a mapear o seu tempo e aprender a (re)distribuir a ordem das suas prioridades. Esta é, também, uma aprendizagem necessária. Ainda mais agora que você começa esse novo desafio. Não vou deixar

you só nessa. Finalmente, mudar hábitos não é fácil.

Então, se desde agora você já está ansioso porque teme não dar conta de atender a todas as demandas que lhe são (im)postas pelo trabalho, pela família e outras, continue lendo atentamente este módulo porque ele pode te ajudar a ser mais produtivo e feliz. Podemos trocar figurinhas sobre este assunto. Já passei muito por isso e já paguei um preço muito alto por essa desorganização. O preço foi ainda maior pela crença que tinha de que o não planejamento do tempo era já, em mim, um modo de ser. Algo impossível de ser mudado, portanto, algo para, como diria um dos meus filhos: “deixar quieto”!

Depois de muito apanhar e ter as responsabilidades e os compromissos aumentados, vi que estava sem opção. O tempo não perdoa os que com ele não sabem trabalhar. Mudar seria um caminho melhor. E foi. Não que tenha chegado àquela perfeição nisso. Mas sinto que, quando planejo e organizo o meu tempo, acabo tendo uma melhor qualidade de vida e trabalho. Finalmente, não somos mesmo de ferro, não é? Então para que essa resistência para mudar? Então mudei!

Mas, veja, cada pessoa tem o seu jeito de ser e de estar no mundo. No seu caso, você é quem sabe o melhor para você, não é mesmo? Se é ou não preciso mudar em relação à organização do seu tempo e às suas estratégias de aprendizagem. Agora, se você reconhece que precisa mesmo mudar e aprender a se organizar melhor, nada como ter o conhecimento de algumas trilhas ou caminhos capazes de melhorar a qualidade do seu tempo e, também, facilitar a sua aprendizagem na educação à distância. É hora de mudar. Logo você descobrirá as vantagens disso e saberá criar as suas próprias estratégias de estudo e aprendizagem.

Como sabe, não há receitas. Mas, por entre veredas e trilhas, é possível se encurtar caminhos, construir atalhos e, sobretudo, evitar armadilhas. Muitas dessas coisas acabamos descobrindo na própria caminhada. Como? Penso em um exemplo fácil: uma dada maneira de aprender acaba podendo gerar uma nova. Do mesmo modo, a aprendizagem, em si, de algo, pode facilitar outras tantas. Assim, os caminhos do aprender tornam-se mais orientados e, conseqüentemente, mais suaves e prazerosos.

Sabe de uma coisa? Acho que agora não poderíamos avançar sem que, antes, você pare um pouco e faça uma análise das suas crenças. Quais? Espere aí, vou ser mais clara. Para facilitar, sugiro que faça uma autoanálise. Outra autoanálise? Errado, antes foi uma autoavaliação. Risos. Vamos lá: veja então, como estão, de fato, os seus sentimentos e as suas emoções em relação a este curso que você começa agora. Entenda que ele irá ocupar parte significativa do seu tempo e vai exigir muita dedicação sua. Você, como eu, pouco dá atenção ou emprega a sua energia de vida naquilo que não valoriza, não é verdade?

Então pergunto: que valor você está dando a esse seu curso agora? Em que posição você o situa na sua escala de prioridades?

Como foi dito, inúmeras influências externas atrapalham nosso curso, principalmente porque ele é à distância. Então, sugiro parar um pouco, voltar para aquele chá que tivemos antes (agora pode) para pensar, seriamente, na prioridade que você quer dar para este curso. Sério, é importante.

Valores e empenho são coisas que caminham juntas. Se houver pouco valor, as chances são de seu empenho ser também pouco. Como consequência, as chances são de termos resultados insatisfatórios.

Isso precisa e deve ser evitado, desde agora. Por você, e por seus colegas. E quanto mais cedo, melhor. Aqui, nem de perto se aplica aquela ideia de “antes tarde do que nunca”. Estamos falando em planejamento e organização da aprendizagem, e não no que muitas pessoas fazem em cursos diversos: correr “atrás do prejuízo”, e não da aprendizagem, como deveriam.

Não penso que a essa altura você esteja ainda preocupado com o curso. Já viu bastantes “dicas” sobre como ser um aluno autônomo, capaz de buscar a aprendizagem de forma eficiente. Nesse sentido, digo que o curso está tanto em nossas mãos, quanto nas suas e nas dos seus colegas.

Penso que, no momento, é hora de pensar que ninguém pode assumir aqui uma escolha que lhe pertence: definir a forma que você escolherá para ser e estar nesse curso e, também, depois dele: pelos seus possíveis impactos na sua vida. Como já se disse: “Fazemos as nossas escolhas, e elas nos fazem”. O que você então escolhe para si, por meio e a partir desse curso?

“opte por ser um(a) aluno(a) à distância crítico e exigente”

Convido-o e até insisto, que opte por ser um aluno à distância crítico e exigente. Por ser um gigante, ao estabelecer as suas metas e objetivos neste curso. Espero que você queira aprender e crescer nele, como pessoa e profissional. Que insista em ser uma pessoa curiosa, mantendo a lucidez e o vigor de uma mente inquieta. Busque ser uma pessoa comunicativa, participativa, interativa, aberta e acolhedora, ao longo de todo o curso. E, sobretudo, tenha a sabedoria para se manter motivado e feliz.

Ademais, recomendo que não deixe de fazer leituras indicadas bem como pesquisas adicionais para aprofundar o seu entendimento e reflexão sobre esse ou aquele aspecto – ficar só no que um módulo traz é

muito pouco para quem não quer ter limites para o aprender. Sugiro que procure partilhar o que sabe com os seus colegas de curso. Que use a sua imaginação e criatividade, nas várias etapas do curso. Crie e ajude a criar aprendizagens.

Não posso deixar de sugerir, também, que procure desenvolver e usar o seu bom humor e a sua empatia. Isso em nada diminui o nível académico e a qualidade do curso. Principalmente agora, num curso essencialmente on-line, onde a comunicação, o bom humor, a empatia e a sensibilidade para o outro são bem-vindos e insubstituíveis na formação de uma comunidade de aprendizagem e na “construção coletiva do conhecimento”.

Penso não ser demais lembrá-lo de buscar aplicar o que aprender no nosso curso às situações reais da sua vida e das pessoas ao seu redor, quando possível. Do mesmo modo, recomendo que esteja sempre pronto para avaliar, continuamente, se o tempo de dedicação para os seus estudos está sendo adequado. Não estando, é preciso parar e reorganizar o seu cronograma geral de trabalho.

É preciso não se esquecer do necessário equilíbrio quando do atendimento às demandas das outras áreas da vida. O curso precisa ser visto como uma delas. E todas merecem a sua devida atenção.

Mas veja — nada dessas coisas sobre as quais falamos deve ser vista de modo isolado. Se o que importa é o aprender de forma significativa, há de se ter uma perspectiva integradora. O acima sugerido deve ser organizado de modo a refletir o seu desejo e a sua necessidade de aprender, mais e melhor. Sem estresse ou ansiedade. E, claro, isto é também importante para que você possa aplicar e integrar, no seu cotidiano, o que aprende, de forma colaborativa. Se não fosse por isso, por que fazer o curso, não é mesmo?

Finalmente, lembro que não podemos aceitar aquela ideia de que a maior visão do mundo que temos é a permitida pelo alcance da nossa estatura física. Somos, podemos e devemos ser muito mais do que isso, pois não há fronteiras para a aprendizagem, para o crescimento, para a realização e para a felicidade. Essas coisas podem estar sempre muito juntas. Depende muito de cada um e das relações que estabelecemos em nosso contexto imediato.

Capítulo 3

Linhas mestras de projeto de aprendizagem: Sua carta de navegação

3.1 Em busca da autonomia

Começo com uma nova pergunta: você já pensou que, ao longo da escolarização, independentemente do seu nível, a maioria dos caminhos que gestam a aprendizagem ainda tendem a ser vistos como algo da responsabilidade do professor, visto como o detentor do conhecimento e da sabedoria?

E por que isso?

Diria que, ao longo do tempo, acabamos por nos acostumar com esse pensamento culturalmente enraizado que nos faz, sempre que no papel de aluno, tender à dependência, à acomodação, à subserviência e, muitas vezes, nos sentirmos rendidos ou paralisados pelo medo ou pela insegurança.

Observe você. No seu trabalho você consegue ter bom desempenho, sabe o que esperam de você, procura corresponder às expectativas. Se é chefe de setor ou um professor, consegue liderar a sua equipe, consegue ter domínio da sua turma e outras coisas mais.

No entanto, basta estar na condição de aluno que começa o risco de cair naquelas armadilhas que acabam por criar obstáculos para a aprendizagem. Por exemplo: esperar que a iniciativa de tudo venha do professor (professor-tutor), ficar refém do medo de críticas, sentir-se tímido para falar e outras tantas coisas mais.

Entenda, primeiramente (difícil ser a primeira depois de várias “dicas”, não acha?), que no ensino à distância, o professor recria seus moldes de ensino, e pratica mais o papel de orientador do que de professor propriamente dito, certo?

Ora, aceitar ou reproduzir “à espera do professor” é, de modo consciente ou inconsciente, optar por estar anos-luz distante do prazer de descobrir e criar um caminho e um jeito próprios de andar nos campos da aprendizagem, usando, no trajeto, o melhor das suas energias e das suas emoções. E tudo o mais que vem junto com isso: o não conformismo, o pensamento inquieto e criador, o uso salutar da dúvida e da crítica e a ousadia.

É, pois, negar-se a conquistar algo tão precioso e insubstituível na constituição do sujeito e na construção da cidadania: a autonomia.

Nesta parte do nosso diálogo, exploraremos algumas trilhas que nos mostrem as relações entre a autonomia e o que chamo de sujeito-aprendiz, no contexto da educação à distância. Desenvolvo as ideias partindo de um pressuposto básico: o de que o ofício primeiro de quem estuda à distância, como você, é criar aprendizagens.

Para isso, há de se ter uma postura bem diferente daquela da educação tradicional, em que o ensino é centrado no professor. A visão aqui é que cabe ao aluno, em primeiro lugar, responsabilizar-se pela sua aprendizagem, descobrindo e criando seus caminhos e suas estratégias e dando preferência àquelas trilhas que o ajudem a aprender de forma mais prazerosa.

É claro que isso não é uma coisa fácil. É uma aprendizagem e até uma sabedoria ser capaz disso. Ademais, esperar tudo do professor (do módulo e do professor-tutor) acaba sendo uma opção mais fácil e atraente para muitas pessoas, já que isso de passividade já é, de certa forma, um traço cultural. Mudar isso é aceitar a provocação de mudar o próprio jeito de perceber o mundo e a forma de ser e comportar-se nele. Penso que esse desafio de mudar, e mudar-se, vale à pena! Há sim, muita coisa a ser superada e vencida. Contudo, em troca, a pessoa passa a ser mais dona de si. Lembra-se de que antes falamos na aprendizagem como uma “apropriação”, e na importância das pessoas se conhecerem e se encontrarem?

Então, isso retorna agora ao nosso diálogo, abrindo para você uma nova perspectiva. Quanto mais autônomo (ao contrário de heterônomo) você se for tornando, mais você vive e sente o significado de estar legitimamente se apropriando de si, sendo senhor de sua autonomia. Portanto, você passa a ser uma pessoa mais independente e mais livre para aprender e “desaprender”, se necessário, para criar e re-criar e, também, para ensinar e liderar.

Explicitado o pressuposto básico, vamos colocar alguns pontos ou desafios que você tem agora diante de si, como alguém que estuda à distância na perspectiva da construção da sua autonomia como aprendiz, iniciando pela Carta de Navegação.

3.2 A Carta de Navegação

Você sabia que Fernão de Magalhães, explorador do século XVI, conseguiu frustrar um motim a bordo escondendo as suas cartas de navegação?

Isso o fez tornar-se indispensável e respeitado na viagem: afinal, era o único a ter acesso à informação do caminho certo a ser seguido (SEN-GE, 1999). No momento, penso que você se encontra em uma situação um pouco parecida, mas, também, bem diferente, pelo menos em três aspectos:

1. não há nenhum motim à vista;
2. não interessa esconder, mas explicitar e detalhar a sua “Carta de navegação” para a aprendizagem; e
3. quanto mais você conseguir socializar os caminhos da aprendizagem, mais estará na rota certa do curso.

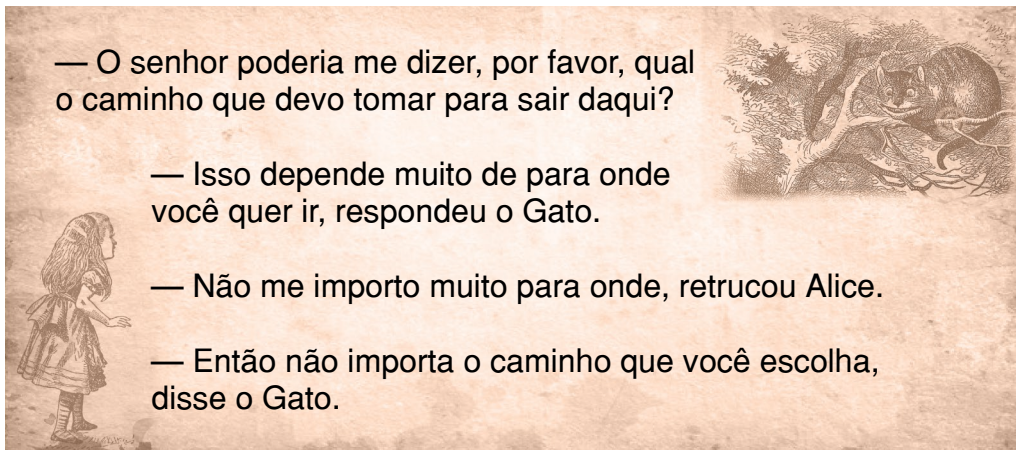
Na verdade, as reflexões que fez até aqui, a partir deste nosso diálogo, são partes importantes desse detalhamento e explicitação de sua “Carta de Navegação”. Acredito que hoje, mais do que ontem, você está em melhores condições para isso.

O que deveria estar nessa carta?

Penso que várias coisas: um planejamento muito bem feito, que organize o seu tempo, a sua disponibilidade e a sua competência, em geral, capaz de lhe levar ao “porto seguro” da aprendizagem. Pode parecer coisa sem muita importância, a princípio. Mas agora você sabe que não é. Quanto mais você se planejar e se preparar para esse curso à distância, mais você estará otimizando as condições da sua aprendizagem e do seu desenvolvimento como pessoa e como profissional.

O tempo todo você precisa estar preparado e entusiasmado para desenvolver e integrar três relevantes ações: ler, estudar e aprender. Essas ações ocorrem no tempo e, portanto, você também precisa desse tempo. Não caia na armadilha de pensar que pode fazer um curso como este em suas “sobras” de tempo. Seria um desrespeito a você mesmo e a todos nós. Dedique-se a ele, na medida da sua exigência, que não será pouca.

Como um timoneiro, saiba sempre a direção melhor e mais segura para navegar. Você se lembra do diálogo de Alice com o gato (Alice no País das Maravilhas – CAROLL, 1995)?



Finalmente, não se esqueça de considerar nessa sua carta de navegação uma atenção ao ambiente de estudo, pois esse pode influir positiva ou negativamente no seu rendimento. Tente evitar ao máximo lugares onde você teria dificuldades para se concentrar.

Escolha ambientes agradáveis, com boa iluminação e ventilação. Se o ambiente onde estuda não favorece a concentração, é mais difícil, de fato, você estudar nele. Não se esqueça de que neste curso, seu ambiente de estudo e de construção de conhecimento é o Moodle. Reserve um determinado tempo para acessar esse ambiente virtual de aprendizagem, de modo sistemático, ao longo de todo o curso. Um desafio primeiro poderia ser assim identificado: estude o mapa da “mina” e crie uma Carta de Navegação.

Como sabe, ao iniciar uma dada viagem, fará toda diferença se você estudou (conhece) ou não (desconhece) o mapa do caminho. Imagine se você tivesse que navegar pilotando um barco, um navio ou um avião. Suponha que você vai viajar “por mares nunca antes navegados”. O que você precisa desde já? De entender o caminho – de onde sair, por onde ir e aonde chegar –, não é mesmo?

Ora, se no caso, o seu mar de navegação é desconhecido, você vai precisar planejar caminhos e rotas, ver se estão livres, ver se tem ou não obstáculos, saber se precisa ou não de atalhos, se eles estarão disponíveis, com que instrumental você conta, quanto tempo dura a viagem e outras informações indispensáveis como estas.

Então estamos falando de algo objetivo e necessário: você precisa de uma Carta Náutica e, também, de instrumentos de navegação, de artefatos para melhor se orientar, como uma bússola. Sem isso, você pode se perder e nunca “chegar lá”.

Imaginando que seu mar é verdadeiro, e não mais simbólico, e a sua responsabilidade é comandar um navio, independentemente de tudo que tiver de “instrumentos inteligentes” nele, você vai precisar, em cada porto, do profissionalismo de um “prático”. Ele terá a possibilidade de

te livrar dos possíveis obstáculos e fazê-lo chegar e sair, de um porto para outro, de forma mais segura.

A essa altura você já sabe bem mais detalhes sobre o que é essa carta, e o que deve constar na sua Carta de Navegação, não é mesmo? Duas coisas são “de cara” indispensáveis: objetivos e rumos.

O seu mar é a educação à distância — seu grande referencial de navegação, os conteúdos programáticos a serem aprendidos e as atividades avaliativas a serem enviadas. Os seus instrumentos de navegação são os seus conhecimentos e experiências anteriores, e as suas táticas ou estratégias de aprendizagem são os marcos e as marcas que você vai seguir ou criar ao longo do caminho.

Uma forma diferente de perceber o desafio aqui considerado é entendê-lo como um referencial de atitudes. Ou seja, ver que estamos afirmando que quem aprende precisa ser uma pessoa de atitude. Alguém disposto a ser proativo. Alguém que sabe o que quer e, também, o que não quer na vida. Então, desde esse início, assuma a sua aprendizagem. Defina a forma que você vai lidar com o seu processo de aprendizagem neste curso – da aquisição à aplicação.

A Carta de Navegação deve apresentar um roteiro orientador e plausível para você. Pode ser um planejamento de seu tempo de estudo para o curso, ou o método que usará para sua aprendizagem (inclusive responder as atividades avaliativas). Não há limite de linhas, páginas, modelo ou formato, mas tenha capacidade de síntese. Poderá ser de forma descritiva e/ou uma tabela formato calendário, diário/semanal/mensal, com as horas do dia ou períodos (manhã, tarde e noite).

Seja criativo. É uma atividade importante, livre de “referências acadêmicas”. A maioria das pessoas tende a fazer um calendário com cronograma de atividades, mas tente pensar “fora da caixinha”. Outra sugestão é criar um check-list, dividido por módulo, listando o necessário para o aprendizado e desenvolvimento das atividades.

Mas é lógico que pode ir muito além disto.

Concluindo este nosso diálogo sobre a sua Carta de Navegação e o seu instrumental náutico, queria dizer umas poucas coisas mais. Por exemplo, que nessa bela navegação, o seu norte passa a ser, também, o seu maior desafio: criar aprendizagens ou aprender a aprender, no contexto da metodologia da educação à distância. É um desafio que vale a pena. Prepare-se! Queira enfrentá-lo e vencê-lo!

Ah, importante destacar que um exemplo prático e on-line desta Carta de Navegação será dado durante um dos nossos encontros on-line.

Tenho certeza de que irão gostar.

3.3 A educação à distância e você: longe das armadilhas e perto da aprendizagem

Procurei aqui ajudá-lo a enfrentar positivamente esses desafios sem cair em armadilhas, muitas das quais podem ser criadas por você mesmo. Se consegui, não sei. Você é quem poderá dizer algo sobre isso. Contudo, sei que pelo menos venho tentando, pondo em prática o que aprendi nesses meus anos de estrada na educação em geral e na educação à distância, em particular.

Espero tê-lo ajudado a se tornar uma pessoa mais segura e autônoma, que aprendeu a valorizar, ainda mais, o aprender em geral, e o aprender na educação à distância, em particular, como um caminho prazeroso de crescimento pessoal e profissional.

O seu guia é você mesmo. Como um aluno que estuda à distância, quanto maior for a clareza que você tiver sobre: a educação à distância, as suas características básicas, e ainda, a expectativa que se tem sobre o comportamento de um aluno à distância, maiores serão as suas condições para ter mais prazer e sucesso nessa sua jornada de aprendizagem, neste curso à distância.

Ao longo do percurso é preciso ter sempre em mente que o farol que vai lhe orientar é um só: o da aprendizagem e do seu crescimento. Assim, retomo, dizendo de uma outra forma, o que falei antes: assume que cabe a você “pilotar” essa viagem de estudos e de leituras, feitos à distância. Então, se você vai ser o seu próprio guia na construção da sua autonomia de aprendiz, confie em você e procure se aperfeiçoar cada vez mais. Lembre-se de que, se, em primeiro, segundo e terceiro lugar, você conta com você mesmo, com o seu esforço, a sua criatividade, a sua capacidade de organizar-se e ir em frente, então você está “em boas mãos”. Não abra mão disso.

“não dê bandeira!”

Se nós, como já disse, contamos com você, imagine o quanto você não conta e não acredita em você mesmo. É por isso que digo: não abra mão! Ou, de um modo mais popular, digo: Não dê bandeira! Procure manter-se alerta e desvie-se de rotas que lhe tirem do objetivo maior que é aprender.

Não poderia recomendar outra coisa, não é mesmo? Pois, como sabe, das nossas conversas anteriores neste módulo, já deu para perceber que o que você não fizer por você mesmo e pela a sua aprendizagem, ninguém fará por você, não é verdade? Aliás, isso se aplica para a vida em geral.

Não dá para desperdiçar essa sua oportunidade agora. Cada tempo e ocasião são únicos e preciosos. Aqui, devem ser vistos como caminhos de aprendizagem e de crescimento. Adquirir conhecimentos, atitudes e habilidades é desenvolver competências. Se diante disso você for sempre refletindo, analisando-se, mudando crenças e atitudes que estavam impedindo o seu crescimento e desenvolvimento, você vai se tornar um mestre na arte de viver, com prazer e sabedoria.

“Agarre-se” à oportunidade deste curso e dê tudo de si para aprender e crescer com ele. Não só por causa de nós todos que estamos na sua torcida, mas principalmente por você. Oportunidades passam. Outras surgem. Mas não nos pegam naquele mesmo momento da vida. Além disso, a vida, como sabe, é cheia de incertezas mesmo. Então aproveite essa oportunidade que já está em suas mãos. A propósito, você conhece a história abaixo relatada?

O Rei e o Sábio

Quando criança, adoramos ouvir histórias. Quanto mais bem contadas, mais a nossa imaginação e encantamentos se soltam. Ouvi muitas histórias na infância. Meu pai sabia contá-las muito bem. Para nos reunir em torno dele para o momento mágico das histórias, bastava só usar aquela entonação que todos nós, irmãos, temos na memória como uma lembrança feliz:

“Era uma vez”!..

Rapidinho estávamos todo lá. Olhe que somos 13 filhos!

Então vou contar uma história que não sei quando aprendi. Não faz parte das memórias da Infância, mas de algum momento da minha formação. Desconheço o autor. Criei o título o Rei e o Sábio; nem sei se ela tem título. Para nós tem. Esse que você leu, concorda?

Havia um rei que queria conhecer os sábios que residiam em seu reino. Para isso diariamente ele chamava os “inscritos”, reunia-os e começava a testá-los com um rosário de perguntas. Ao longo de um bom tempo, nenhum deles lhe pareceu sábio.

Um dia ele encontrou alguém que, finalmente, mostrava sabedoria frente ao que lhe era perguntado. Contudo, ele ainda não estava muito satisfeito e resolveu fazer o “teste final” com uma única pergunta. E tentou achar uma situação em que não houvesse nenhuma possibilidade de acerto.

Você já imaginou qual a situação pensada? Vou contar o resto da história.

Então o rei parou e pensou no seguinte: na hora, vou pegar um pássaro pequeno em minhas mãos, coloco-as para trás, e pergunto: esse pássaro que tenho aqui, em minhas mãos, está vivo ou está morto? Se a resposta for vivo, eu aperto as mãos, mato o pássaro e mostro que a resposta está errada. Se a resposta for “morto”, abro as mãos e o deixo voar.

O que você acha que aconteceu, depois da pergunta feita?

O sábio respondeu: “O pássaro está em suas mãos”!

O fim da história?

Houve o reconhecimento do rei. Havia uma sabedoria ali.

Figura 1 - O Rei Yunan e o Sábio Duban.
Autor: Ludwig Burger, 1872.



Ter as coisas em nossas mãos é algo muito precioso! Traz compromissos e responsabilidades. Entre elas: a responsabilidade pela educação dos nossos filhos, as nossas opções na vida, a nossa formação, o cuidado que devemos ter conosco, com os outros, com o meio ambiente. Há responsabilidades e compromissos que só as nossas mãos não dão conta, como a de ter você conosco e nos preocuparmos com a sua aprendizagem. O mesmo digo em relação aos seus colegas. Todas as mãos são necessárias para o aprendizado individual e coletivo.

O importante, então, é saber o que podemos fazer e o que podemos contribuir com aquilo que não está em nossas mãos diretamente, mas que pode ajudar os demais. Por exemplo, se você entrar num fórum de discussão e colocar as suas dúvidas e ideias sobre um dado tema, isso poderá ser útil para você e para outras pessoas.

Palavras finais

Ao concluir este módulo, não poderia deixar de dizer mais algumas coisas. Primeiro, aquilo que você já sabe: estamos juntos nessa! Tem outras pessoas também junto de nós. Lembra-se do que chamei de “povo deste curso”? Pois é, está todo ele com você. E nós com eles.

Somos parte de um mesmo “clube”. Ou melhor, estamos todos no mesmo “barco”. Que dizer, navio. Podemos juntos, definir uma bela “Carta de Navegação” e partirmos para uma boa viagem. Dessas que a gente vai, tira muitas fotos e, na volta, fica contando a viagem para todo mundo, mostrando as fotografias que já vimos e revimos, comentando inúmeras vezes cada uma delas. Viagem assim, nunca esquecemos.

Quando não se esquece de uma bela viagem, já se começa logo a querer pensar em outra. Para essa viagem nesse curso ficar inesquecível, vamos empenhar-nos individual e coletivamente. Então, nós, o “povo deste curso”, podemos mesmo começar a criar agora, uma bela rede colaborativa de aprendizagem, na qual todos possam, a um só tempo, ensinar, aprender e se desenvolver como pessoa e como profissional.

Em segundo lugar, gostaria de sugerir que, com tempo, busque entender sobre a educação à distância. Examine as suas crenças e conhecimentos sobre ela. Lembre-se que onde não há conceitos e conhecimentos adquiridos, o preconceito ocupa todo o espaço. Como sabe, preconceitos são formados, principalmente, quando não nos interessamos em aprofundar um tema ou a formar nossos próprios conceitos e ideias sobre aquilo que temos preconceitos.

Se, lá “no fundo do seu coração”, você tem desconfiança da qualidade da educação à distância, da possibilidade de você aprender por meio dela, você ainda precisa trabalhar isso, antes de prosseguir. Sabe por quê? Porque ninguém se empenha ou se motiva por algo em que não acredita.

Sabe de uma? Penso que você vai topar mais um desafio agora. Acho até que está bem na hora disso. Sabe qual? Parar a sua leitura agora, pesquisar e criar um conceito próprio de educação à distância. Se precisar, use o Google procurando palavras-chave como: educação à distância; ensino à distância; distance education e outras similares. O campo da educação à distância é muito fértil em estudos e pesquisas. Mesmo que na sua vida profissional você não se dedique à docência, acredito que muito teria a ganhar se buscasse entender mais como as

As pessoas aprendem o que aprendem. Sempre gosto de lembrar, em aulas, que Jean Piaget dedicou uma vida de muito estudo e pesquisa, na busca de respostas para uma só pergunta: como as pessoas conhecem o que conhecem? E claro, no caminho, formulou outras tantas.

Um outro ponto que gostaria de destacar neste momento conclusivo é que todas aquelas ideias de Fink (2003) sobre a aprendizagem significativa não são coisas apenas teóricas ou “bonitas”. Não são, também, utopias. São não só desejáveis como também possíveis. E mais do que isso: elas precisam ser vistas por você como apostas que você deveria fazer com você mesmo. De nossa parte, tentaremos ajudá-lo a vivenciar essa experiência ao longo de todo o curso, como algo mesmo muito significativo para você. Espero que possamos atender às suas expectativas.

Por falar em expectativas em relação ao curso, convido-o a pensá-las em uma perspectiva de mão dupla. Veja: é de todo legítimo pensar no que o curso em geral trará para você em termos de conhecimentos e aprendizagens e outros questionamentos que sintam necessidade de fazer. Contudo, na perspectiva da educação à distância e da aprendizagem significativa, torna-se essencial que você pense, também, em algo que lhe diz respeito de perto, ou algo que está em suas mãos, que apresento sob forma de pergunta: o que você fará pelo curso?

A pergunta feita é para você pensar o seguinte: no que depender de você, como o curso pode ser uma experiência significativa para você e para os seus colegas, que estão no mesmo “navio”?

Sei que é uma repetição, mas vou sugerir mais uma coisa para você pensar: uma das possibilidades de você poder contribuir com o curso é situar-se nele como uma pessoa aberta, comunicativa e interativa. Fazer questão de ser construtivamente atuante nessa comunidade de aprendizagem colaborativa, que começa a ser construída a cada dia do curso. Como? Por meio de coisas como: troca de ideias, dúvidas, sugestões de leituras adicionais e tudo o mais que se faz necessário quando queremos aprender e quando queremos que ocorra o mesmo com as demais pessoas que estão junto conosco.

Acredito que o sugerido não será algo impossível ou difícil para você. Veja: somos seres “socialmente biológicos” e precisamos uns dos outros. Se todos aprendem e crescem juntos, todos crescem mais e podem se tornar melhores pessoas.

Se conseguirmos isso, estaremos mais capacitados para pôr em prática pilares da aprendizagem significativa, tais como: desenvolver as habilidades comunicativas; entender e ser capaz de usar princípios aprendidos no curso, para além do seu tempo cronológico; permanecer uma pessoa positiva, a despeito dos obstáculos e desafios da vida e trabalho; ser “Mentor” de outros; continuar a crescer como um pensa-

dor crítico, e valorizar o aperfeiçoamento contínuo. Isso é coerente com o que havíamos falado antes: a educação não é algo separado da vida. É um projeto de vida de todos e de cada um de nós.

Não posso deixar de ressaltar que entre tantas coisas incertas e difíceis desse mundo, penso que há coisas muito boas. Penso que estamos num momento privilegiado da história da vida dos homens: a presença das tecnologias da informação e da comunicação no mundo. Mas isso só não basta. É preciso trabalhar, cada vez mais, para a democratização do acesso a essas tecnologias e, em consequência, expandir o acesso ao conhecimento.

Não podemos desperdiçar as múltiplas possibilidades de se aprender e de se socializar o conhecimento. Há muito que explorar nesse mundo infinito de formas de se buscar, criar, usar e difundir a informação. Não podemos deixar de usar o que estiver ao nosso alcance neste curso – fóruns, chats, lista de discussão, WhatsApp, e-mails. Nenhum curso é de qualidade quando os alunos nele não se envolvem. Não por obrigação. Mas por prazer.

Se quiser entender como essas tecnologias têm afetado a EAD, sugiro ler o texto relativo à Aula Magistral, ministrada na UNISINOS, em 11 de setembro de 2001, pelo Prof. Dr. Otto Peters, da FernUniversität, em Hagen, na Alemanha.

Seu título é: “Duas Mudanças Estruturais na Educação à Distância: Industrialização e Digitalização”.

Também deixei como material complementar do módulo.

Ao ler esse trabalho, busque entender as implicações desses espaços para o processo ensino-aprendizagem. Preste especial atenção ao que ele fala sobre o princípio da autonomia da aprendizagem, em referência aos autores Gottwald e Srinkart. Veja também como ele mostra o quanto a educação à distância depende da tecnologia e como isso tem implicações pedagógicas importantes que não podem ser ignoradas, seja no âmbito da prática, seja no da teoria e pesquisa da educação à distância.

Na medida em que exploramos mais e mais o nosso espaço virtual da aprendizagem – o Moodle – estaremos numa experiência de construção coletiva do conhecimento, o que fará uma diferença significativa neste curso, se bem estimulada e orientada. É uma outra coisa que está em nossas mãos.

Finalizo nosso diálogo, trazendo um “Aviso aos navegantes” que dei num outro módulo que escrevi para o curso Arteduca – Arte-Educa-

ção à distância – organizado e desenvolvido pelo Instituto de Artes da UnB, em parceria com o CEAD, intitulado: “Criar aprendizagem: ofício e desafio do aluno à distância”. Trago-o por considerar que ele sintetiza coisas importantes do nosso diálogo aqui. O aviso diz o seguinte:

(...) apenas lembro-o o óbvio: andamos com os próprios pés, não os tomamos emprestado de ninguém. Assim, o que você não se comprometer e não fizer por você mesmo nesse curso, a favor do seu crescimento pessoal e profissional, ninguém poderá fazê-lo no seu lugar. É você quem vive a sua vida. Valorize esta oportunidade de poder estar nesse curso agora. Mantenha as suas atividades em dia. Entre em contato com o seu professor-tutor, sempre que precisar.

Enfim, dê o melhor de si e dedique-se ao curso.

Faça dele um investimento pessoal – cognitivo e afetivamente.

Você merece isso!

Mas não só você. Nós, os seus colegas e as pessoas que gostam de você, e que o verão mais distante quando você precisar-se concentrar para estudar, também merecemos isso.

Continuo por perto. Será um prazer encontrá-lo em algum outro momento deste curso.

Bom trabalho!

Referências

CARROLL, L., Pseud de Charles Lutwidge Dodgson; KINCAID, Eric. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Loyola, 1995.

FINK, L. Dee. **Creating Significant Learning Experiences: An Integrated Approach to Designing College Courses**. John Willey & Sons, Inc. San Francisco, CA. 2003.

SENGE, P. (org.) **A dança das mudanças: os desafios de manter o crescimento e o sucesso em organizações que aprendem**. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

GONZÁLEZ REY, F.L. **O sujeito que Aprende. Desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica**. In: MARIA CARMEN V. R.

TACCA (ORG.) **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**. Campinas: Editora Alínea, 2006 (29:44).

ISBN: 978-65-992384-8-2

OR



9 786599 238482